



GT 021. Antropologia e tecnociência: teorias, métodos e perspectivas

Fabiola Rohden (UFRGS) - Coordenador/a, Marko Synésio Alves Monteiro (UNICAMP) - Coordenador/a, Jane Araújo Russo (IMS-UERJ) - Debatedor/a, Fabrício Monteiro Neves (Universidade de Brasília) - Debatedor/a, Guilherme José da Silva e Sá (Departamento de Antropologia - UnB) - Debatedor/a)

O objetivo deste GT ? promover a discuss?o sobre as interfaces entre ci?ncia, tecnologia, sociedade e poder, a partir da produ??o antropol?gica contempor?nea. Dessa forma, busca ampliar o espa?o de discuss?o do campo da Antropologia da Ci?ncia e da Tecnologia, tanto no sentido de consolidar debates em andamento quanto na inten??o de refletir sobre as perspectivas dessas investiga?es para o futuro. Temas como biossocialidades, biomedicaliza??o, pr?ticas de produ??o de conhecimento em laborat?rios e as interfaces entre conhecimentos cient?ficos e n?o cient?ficos t?m sido muito investigados em anos recentes. Ao lado desses temas, quest?es como as rela?es entre humanos-n?o humanos (dentro e fora de institui?es cient?ficas), redes de produ??o de ci?ncia e tecnologia e as intera?es entre "n?s" e cosmologias n?o ocidentais v?m dando cada vez mais densidade ? reflex?o antropol?gica. Ao lado da renova??o dos temas de pesquisa, antrop?logos/as envolvidos com a tecnoci?ncia v?m tamb?m ajudando a reconstruir teorias. Seja na cr?tica da Teoria Ator-Rede, ou no efervescente campo dos Estudos Sociais da Ci?ncia e da Tecnologia, temas como associa?es, performactivity e pol?ticas ontol?gicas v?m ganhando terreno na an?lise social, com forte participa??o de antrop?logos/as e do m?todo etnogr?fico. O GT buscar? reunir trabalhos que ajudem a construir uma reflex?o sobre o papel que a Antropologia vem tendo nesse cen?rio de reflex?es.

Encriptando denúncias e revelando opressões: a internet enquanto plataforma para denúncias de violências de gênero e a agenda ciberfeminista

Autoria: Flora Villas Carvalho

Este work é parte de uma pesquisa desenvolvida no Programa Institucional de Iniciação Científica Voluntária (ICV) pela UFMG. A pesquisa, ainda em desenvolvimento, tem como objetivo entender como a internet tem servido nos últimos anos enquanto uma plataforma de denúncias de assédios e violências de gênero no Brasil e qual o papel dos ciberfeminismos neste cenário. Com a utilização de meios virtuais para apontamento de violências de gênero, as campanhas e movimentos das hashtags #meuamigosecreto e #meuprimeiroassédio, apesar de importantes para o movimento feminista, estiveram perpassadas por um perigoso problema: a exposição das denunciantes, uma vez que as denúncias eram feitas em seus perfis pessoais com todos os seus dados disponíveis junto à denúncia e, por outro lado, a preservação da identidade dos agressores pelo medo das retaliações. No entanto, não são poucos os casos de mulheres que sofreram e sofrem com as retaliações por parte destes homens e os processos legais de difamação e calúnia. A questão então é como preservar a identidade, a segurança e os dados destas mulheres que querem denunciar seus agressores e assediadores? Esta questão é central para vários coletivos e sites ciberfeministas que tentam criar espaços virtuais e programas seguros para mulheres, construindo uma agenda coletiva que discuta feminismos e suas lutas, articulando-as com as discussões de vigilância na internet e segurança de dados. Isto, pois a solução oferecida muitas vezes pelos governos é de combater os crimes de violências contra a mulher (dentro e fora da internet) através de um processo de diminuição da proteção de dados e identidades na internet e de combate às redes de navegação anônima. No entanto,



estas ciberfeministas defendem que este tipo de estratégia, além de pouco eficaz, vai contra as propostas e lutas por uma internet menos vigiada, menos regulatória e mais segura para todxs, especialmente as mulheres. Além disso, defendem ainda a internet enquanto um potente espaço de luta e disputas de poder e discursos que deve ser ocupado. Desta forma, a pesquisa se desenvolve em três partes: levantamento e análise de campanhas virtuais como o #meuamigosecreto e #meuprimeiroassédio através do Facebook e do twitter, avaliando também seus ganhos, repercussões e as problemáticas que levantam por serem formas não-anônimas de denúncia pela internet; levantamento e análise dos coletivos e plataformas ciberfeministas que discutem as violências de gênero e suas denúncias através da internet; avaliação do crescimento das formas de violência virtuais de gênero e, por outro lado, das técnicas de denúncias e investigação destes crimes por parte de coletivos autônomos, que funcionam como formas de resistência a este movimento crescente.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

